

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS 3

**Felipe Antonio Machado Fagundes Gonçalves
(Organizador)**

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Felipe Antonio Machado Fagundes Gonçalves
(Organizador)

Educação Matemática e suas Tecnologias 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação matemática e suas tecnologias 3 [recurso eletrônico] / Organizador Felipe Antonio Machado Fagundes Gonçalves. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação Matemática e suas Tecnologias; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-349-1 DOI 10.22533/at.ed.491192405 1. Matemática – Estudo e ensino – Inovações tecnológicas. 2. Tecnologia educacional. I. Gonçalves, Felipe Antonio Machado Fagundes. II. Série. CDD 510.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação Matemática e suas tecnologias” é composta por quatro volumes, que vêm contribuir de maneira muito significativa para o Ensino da Matemática, nos mais variados níveis de Ensino. Sendo assim uma referência de grande relevância para a área da Educação Matemática. Permeados de tecnologia, os artigos que compõem estes volumes, apontam para o enriquecimento da Matemática como um todo, pois atinge de maneira muito eficaz, estudantes da área e professores que buscam conhecimento e aperfeiçoamento. Pois, no decorrer dos capítulos podemos observar a matemática aplicada a diversas situações, servindo com exemplo de práticas muito bem sucedidas para docentes da área. A relevância da disciplina de Matemática no Ensino Básico e Superior é inquestionável, pois oferece a todo cidadão a capacidade de analisar, interpretar e inferir na sua comunidade, utilizando-se da Matemática como ferramenta para a resolução de problemas do seu cotidiano. Sem dúvidas, professores e pesquisadores da Educação Matemática, encontrarão aqui uma gama de trabalhos concebidos no espaço escolar, vislumbrando possibilidades de ensino e aprendizagem para diversos conteúdos matemáticos. Que estes quatro volumes possam despertar no leitor a busca pelo conhecimento Matemático. E aos professores e pesquisadores da Educação Matemática, desejo que esta obra possa fomentar a busca por ações práticas para o Ensino e Aprendizagem de Matemática.

Felipe Antonio Machado Fagundes Gonçalves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
YENDO MÁS ALLÁ DE LA LÓGICA CLÁSICA PARA ENTENDER EL RAZONAMIENTO EN EDUCACIÓN MATEMÁTICA	
Francisco Vargas Laura Martignon	
DOI 10.22533/at.ed.4911924051	
CAPÍTULO 2	7
APROXIMANDO A PROBABILIDADE DA ESTATÍSTICA: CONHECIMENTOS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO SOBRE A CURVA NORMAL	
André Fellipe Queiroz Araújo José Ivanildo Felisberto de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4911924052	
CAPÍTULO 3	18
DESCOMPLICANDO FÓRMULAS MATEMÁTICAS	
Marília do Amaral Dias	
DOI 10.22533/at.ed.4911924053	
CAPÍTULO 4	26
REPRESENTAÇÕES DINÂMICAS DE FUNÇÕES: O SOFTWARE SIMCALC E A ANÁLISE DE PONTOS MÁXIMOS E MÍNIMOS	
Paulo Rogério Renk Rosana Nogueira de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.4911924054	
CAPÍTULO 5	36
UMA ANÁLISE PANORÂMICA E REFLEXIVA DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM DA PLATAFORMA SCRATCH PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA	
Renato Hallal Nilcéia Aparecida Maciel Pinheiro Luiz Carlos Aires de Macêdo Eliziane de Fátima Alvaristo	
DOI 10.22533/at.ed.4911924055	
CAPÍTULO 6	49
LESSON STUDY: O PLANEJAMENTO COLABORATIVO E REFLEXIVO	
Renata Camacho Bezerra Maria Raquel Miotto Morelatti	
DOI 10.22533/at.ed.4911924056	
CAPÍTULO 7	60
FAMÍLIAS CONSISTENTES E A COLORAÇÃO TOTAL DE GRAFOS	
Abel Rodolfo García Lozano Angelo Santos Siqueira Sergio Ricardo Pereira de Mattos Valessa Leal Lessa de Sá Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4911924057	

CAPÍTULO 8	70
BIBLIOTECA ESTATÍSTICA DESCRITIVA INTERVALAR UTILIZANDO PYTHON	
Lucas Mendes Tortelli	
Dirceu Antonio Maraschin Junior	
Alice Fonseca Finger	
Aline Brum Loreto	
DOI 10.22533/at.ed.4911924058	
CAPÍTULO 9	73
COMPARATIVO ENTRE OS MÉTODOS NUMÉRICOS EXATOS FATORAÇÃO LU DOOLITTLE E FATORAÇÃO DE CHOLESKY	
Matheus Emanuel Tavares Sousa	
Matheus da Silva Menezes	
Ivan Mezzomo	
Sarah Sunamyta da Silva Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.4911924059	
CAPÍTULO 10	79
HISTÓRIAS E JOGOS COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICA PARA INTRODUIR O ESTUDO DE FRAÇÕES	
Cristalina Teresa Rocha Mayrink	
Samira Zaidan	
DOI 10.22533/at.ed.49119240510	
CAPÍTULO 11	93
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ'S) NO CONTEXTO DE ENSINO: UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA PARA O SEU USO NA SALA DE AULA	
Rodiney Marcelo Braga dos Santos	
Maria Beatriz Marim de Moura	
José Nathan Alves Roseno	
Francisco Bezerra Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.49119240511	
CAPÍTULO 12	111
MONDRIAN: APRECIÇÃO, REFLEXÕES E APROXIMAÇÕES – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA	
Dirceu Zaleski Filho	
DOI 10.22533/at.ed.49119240512	
CAPÍTULO 13	122
MODELAGEM MATEMÁTICA NA SALA DE APOIO À APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA COM O TEMA REFORMA DA PRAÇA	
Alcides José Trzaskacz	
Ronaldo Jacumazo	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Laynara dos Reis Santos Zontini	
DOI 10.22533/at.ed.49119240513	
CAPÍTULO 14	135
MODELAGEM MATEMÁTICA, PENSAMENTO COMPUTACIONAL E SUAS RELAÇÕES	
Pedro Henrique Giraldo de Souza	
Sueli Liberatti Javaroni	
DOI 10.22533/at.ed.49119240514	

CAPÍTULO 15	145
MATEMÁTICA LÚDICA: CONSIDERAÇÕES DOS JOGOS DESENVOLVIDOS PELO GEMAT-UERJ PARA A SALA DE AULA	
Marcello Amadeo	
Luiza Harab	
Flávia Streva	
DOI 10.22533/at.ed.49119240515	
CAPÍTULO 16	153
O ENSINO DE ESTATÍSTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO É ABORDADO EM DOCUMENTOS?	
Flávia Luíza de Lira	
Liliane Maria Teixeira Lima de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.49119240516	
CAPÍTULO 17	165
O USO DO MATERIAL GEOBASES PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOMÉTRICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Francikelly Gomes Barbosa de Paiva	
Francileide Leocadio do Nascimento	
Fabiana Karla Ribeiro Alves Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.49119240517	
CAPÍTULO 18	171
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE PROGRAMAÇÃO QUADRÁTICA E CÔNICA COMO APLICAÇÃO DE CONTEÚDOS NA DISCIPLINA DE ÁLGEBRA LINEAR	
Rogério dos Reis Gonçalves	
Vera Lúcia Vieira de Camargo	
André do Amaral Penteado Biscaro	
DOI 10.22533/at.ed.49119240518	
CAPÍTULO 19	179
UM ESTUDO SOBRE MULTICORREÇÃO COM LICENCIANDOS EM MATEMÁTICA	
Rafael Filipe Novôa Vaz	
Lilian Nasser	
DOI 10.22533/at.ed.49119240519	
CAPÍTULO 20	189
JOGOS NO ENSINO DE MATEMÁTICA FINANCEIRA	
Angela Cássia Biazutti	
Lilian Nasser	
DOI 10.22533/at.ed.49119240520	
CAPÍTULO 21	198
JOGOS COOPERATIVOS: UMA EXPERIÊNCIA LÚDICA DE CONVIVER JUNTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Ana Brauna Souza Barroso	
Antônio Villar Marques de Sá	
DOI 10.22533/at.ed.49119240521	

CAPÍTULO 22 206

EFEITO DE HARDWARE E SOFTWARE SOBRE O ERRO DE ARREDONDAMENTO EM CFD

Diego Fernando Moro
Carlos Henrique Marchi

DOI 10.22533/at.ed.49119240522

CAPÍTULO 23 218

O USO DO JOGO CORRIDA DE OBSTÁCULOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE IDEIAS MATEMÁTICA EM UM LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA DE UM MUSEU

Leonardo Lira de Brito
Erick Macêdo Carvalho
Silvanio de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.49119240523

SOBRE O ORGANIZADOR..... 228

YENDO MÁS ALLÁ DE LA LÓGICA CLÁSICA PARA ENTENDER EL RAZONAMIENTO EN EDUCACIÓN MATEMÁTICA

Francisco Vargas

Ludwigsburg University of Education,
Ludwigsburg—Alemania y Universidad el Bosque,
Bogotá — Colombia

Laura Martignon

Ludwigsburg University of Education,
Ludwigsburg—Alemania

RESUMEN: La evidencia experimental acumulada en las últimas décadas en la literatura psicológica muestra que la interpretación y uso de los conectivos lógicos en distintos contextos están lejos de ser obvios. Estos resultados son a menudo interpretados sólo como una falta respecto a una única lógica tomada como normativa. Esto mismo ocurre muy frecuentemente en la literatura de Educación Matemática en donde los parámetros de análisis del razonamiento presente en los estudiantes se limitan a los conectivos y eventualmente los cuantificadores clásicos. Es posible, sin embargo, considerar otro tipo de lógicas que puedan ayudarnos no solo a reconsiderar esta perspectiva, sino a entender mejor cómo razonamos y por qué algunos “errores” lógicos en Matemáticas son tan consistentemente frecuentes. Proponemos un examen de los resultados de investigación de distintos experimentos y de la literatura, a la luz de algunas herramientas lógicas, en

particular de algunas lógicas computacionales no monotónicas.

PALABRAS CLAVE: razonamiento, lógica, implicación, abducción, educación matemática

ABSTRACT: The experimental evidence accumulated in recent decades in psychological literature shows that the interpretation and use of logical connectives in different contexts are far from obvious. These results are often interpreted only as a fault with respect to a single logic taken as normative. This very often occurs in the Mathematics Education literature where the parameters of analysis of the reasoning present in students are limited to the classical connectives including eventually the classical quantifiers. It is possible, however, to consider other types of logic that can help us not only to reconsider this perspective, but to better understand how we reason and why some logical “errors” in Mathematics are so consistently frequent. We propose an examination of the research results of different experiments and of the literature in the light of some logical tools, in particular of some non-monotonic computational logics.

KEYWORDS: reasoning, logic, implication, abduction, mathematical education

1 | INTRODUCCIÓN

Durante las últimas décadas la psicología cognitiva ha producido una gran cantidad de evidencia experimental que muestra que la interpretación y el uso de los conectivos lógicos en los lenguajes naturales y en diferentes contextos, están lejos de ser obvios. Los tipos de interpretaciones que se presentan no atañen solamente a un debate de tipo filosófico y teórico sino que se presentan en diferentes situaciones comunicativas, y en particular en aquellas que se presentan en contextos educativos.

Tal es el caso, por ejemplo, con respecto a los enunciados condicionales, cuyo sentido ha sido debatido ampliamente en diferentes disciplinas. Uno de los resultados que comúnmente han sido obtenidos es que este tipo de enunciados se interpretan de diferentes maneras y muy frecuentemente en desacuerdo con la semántica de la llamada implicación material.

Algunos experimentos muy conocidos de las últimas décadas del siglo pasado versan en esta dirección. Tal es el caso, por ejemplo, de la Tarea de selección de Wason (Wason, 1968, Cosmides, 1989) y de experimentos sobre el uso de esquemas deductivos del estilo *modus ponens* (como en Byrne, 1989). Estos resultados son interpretados normalmente como una falta en la competencia lógica normativa incluso a veces como mostrando nuestra falta de racionalidad. Sin embargo, como es bien sabido, son posibles otros enfoques, como el de tomar en consideración otros estándares lógicos aparte de la lógica clásica.

Estos pueden ayudarnos no sólo a reevaluar esas posiciones, sino también a darnos una comprensión más profunda acerca de el porqué razonamos como lo hacemos (Stenning y van Lambalgen, 2008).

En el ámbito de la de la educación matemática la situación es similar. En efecto, la investigación en este campo hasta el momento ha sido dominada por la idea de que una descripción completa de los estadios de desarrollo de los estudiantes puede ser guiada por el examen de los 16 posibles conectivos proposicionales clásicos. Esta clase de análisis, inspirado por algunos de los trabajos seminales de Piaget, ha sido complementado en algunos casos por consideraciones acerca de la interacción de estos conectivos con los cuantificadores usuales (por ejemplo en Durand-Guerrier 2003). A pesar de esto, incluso en estos casos, la semántica tarskiana para lógica de primer orden ha sido la única considerada entre las muchas posibles. Estudios y presentaciones recientes ampliamente influyentes como Hoyles et al. 2002 y Durand-Guerrier et al. 2011, dan cuenta de esta situación.

Un fenómeno acerca de la interpretación de enunciados condicionales es el de atribuirles un significado similar al de los enunciados bicondicionales correspondientes, tal como ha sido documentado en los distintos niveles educativos. Es significativo desde nuestro punto de vista, que haya sido visto como la manifestación de una “lógica infantil” (“child logic”) contrapuesta a la “lógica matemática” (“math logic”; véase O’Brien et al., 1968). Esta caracterización muestra que este tipo de fenómeno es interpretado

usualmente tan solo como una falta o carencia, y no como una manifestación que puede ser en sí misma caracterizada, explicada e incluso justificada. Proponemos el uso de algunas de las características salientes de Programación Lógica (Logic Programming). Algunas de estas han sido ya usadas en análisis psicológicos de la cognición humana (por ejemplo en Stenning y van Lambalgen, 2008).

2 | NUESTRO ESTUDIO

Presentaremos algunos de los resultados preliminares de un estudio en curso realizado hasta ahora con estudiantes universitarios en Colombia y Alemania a partir de cuestionarios. Nos focalizaremos en lo que sigue en dos ejemplos de las tareas desarrolladas.

El Teorema de Pitágoras

¿Quién no conoce el Teorema de Pitágoras después de haber superado la educación primaria y secundaria? Sin embargo, incluso cuando su enunciado es dado explícitamente y no dejando espacio a la ambigüedad de sus distintas formulaciones posibles, el significado atribuido parece ir mucho más allá de lo que explícitamente afirma. Esto es lo que parecen indicar las respuestas a algunas de las preguntas en los cuestionarios aplicados. Consideremos, por ejemplo, la siguiente de selección múltiple:

“El Teorema de Pitágoras dice: Para todo triángulo rectángulo con hipotenusa a y catetos b y c , se tiene la igualdad $a^2 = b^2 + c^2$. Como una aplicación inmediata de este enunciado podemos concluir que (señale la o las opciones que considera correctas):

- el triángulo rectángulo con $b=1$ y $c=2$ tiene que tener
- el triángulo con $a=4$, $b=3$ y $c=3$ no es rectángulo
- el triángulo con $a=5$, $b=4$ y $c=3$ es rectángulo
- si un triángulo con $b=1$ y $c=2$ no es rectángulo, entonces ”

Sin entrar en los detalles relativos al uso de variables, cuantificadores, y la aplicación de reglas como la particularización universal, las distintas opciones corresponden, respectivamente, a la aplicación de los cuatro esquemas de inferencia *modus ponens*, *modus tollens*, afirmación del consecuente y negación del antecedente (MP, MT, AC y DA por sus siglas en Inglés), de los cuáles sólo los dos primeros son válidos clásicamente.

Los patrones de respuesta son indicadores de que en matemáticas también se presentan fenómenos bien conocidos como la asimetría entre los niveles de afirmación de MP y MT. Similarmente, se presenta en la escogencia de AC un tipo de razonamiento de tipo abductivo que a partir de las consecuencias de un teorema pasa a concluir sus hipótesis. Esto se manifiesta en el hecho que, dado un teorema en modo condicional, se pasa a concluir la validez de su converso. En este caso el converso resulta ser

cierto, pero no es un resultado abordado usualmente en las matemáticas escolares (ni superiores) y ninguno de nuestros participantes pudo dar un argumento válido matemáticamente para respaldar dicho teorema converso, ni siquiera de manera aproximada. De hecho, la argumentación más frecuente para concluir que el teorema converso es cierto, fue, simplemente, que el teorema directo lo es.

Veremos manifestarse el mismo fenómeno más adelante en la tarea sobre el Teorema de Lagrange en donde, a diferencia del caso que nos ocupa, el converso de Teorema es de hecho falso.

Consideremos ahora esta otra pregunta:

“Para todo triángulo rectángulo con hipotenusa a y catetos b y c se tiene lo siguiente (seleccione una única opción):

- la suma de las áreas de los triángulos equiláteros construidos sobre los lados b y c es igual al área del triángulo equilátero construido sobre a .
- la suma de las áreas de los los semicírculos cuyos diámetros son b y c es igual al área del semicírculo con diámetro a .
- la suma de las mitades de las áreas de los cuadrados construidos sobre los lados b y c es igual a la mitad del área del cuadrado construido sobre a .
- la suma de las áreas de los pentágonos regulares construidos sobre los lados b y c es igual al área del pentágono regular construido sobre a .
- Todas las anteriores
- Ninguna de las anteriores

Justifique brevemente su respuesta”

Como esperábamos, las respuestas más frecuentes fueron la tercera (algunos pocos alumnos dieron incluso un argumento correcto de su validez) y la última. En este caso se presenta a nuestro modo de ver, una forma de “Razonamiento de Mundo Cerrado”. Tal como explicaremos en la última sección, esencialmente, aquello de lo que no se tiene una fuente de información afirmativa explícita es asumido como falso.

En resumen, un enunciado aparentemente simple y conocido como el Teorema de Pitágoras, conlleva en su interpretación toda una red semántica que no está necesariamente regida por las leyes de la lógica tradicional.

El Teorema de Lagrange

Nuestro ejemplo del Teorema de Lagrange nos muestra cómo en situaciones corrientes de la enseñanza-aprendizaje los condicionales son revertidos, incluso en situaciones en que los estudiantes ya poseen un cierto grado de madurez y sofisticación matemática (en este caso un curso de álgebra abstracta para futuros docentes). También nos muestra cómo, este tipo de fenómenos con los condicionales se presenta también en casos en que los estudiantes no tienen aún intuiciones bien establecidas (a diferencia del ejemplo anterior de Geometría elemental) precisamente por tratarse de un tema abstracto y nuevo para ellos.

Recordemos el enunciado del teorema: “Dado un grupo G y dado H , un subgrupo de G , el orden de H divide el orden de G ”. Lo que documentamos es que en situaciones argumentativas en que los estudiantes deben aplicar el teorema, lo que hacen frecuentemente es aplicar su converso, es decir, que si G es un grupo y n divide al orden de G , entonces tiene que haber un subgrupo de G de orden n .

En uno de nuestros grupos, como parte de su examen final, los estudiantes fueron puestos ante la tarea de determinar si es verdadero o falso que todo grupo de orden 10 posee un elemento de orden 5. En tal caso debían dar un argumento justificando su respuesta. El ejercicio había sido desarrollado en clase y se había enfatizado, con contraejemplos, el hecho de que el converso del teorema es falso. Sin embargo, de 19 estudiantes, 7 respondieron que es verdadero dando el argumento (erróneo) de que “por el Teorema de Lagrange”, el grupo de orden 10 debe poseer un subgrupo de orden 5 por dividir 5 a 10. Esta fue la argumentación modal en el grupo estudiado.

3 | PROGRAMACIÓN LÓGICA Y ABDUCCIÓN

Para dar una explicación de las tendencias comunes evidenciadas por distintos experimentos, entre ellos los aquí discutidos, usamos algunas de las características de Programación Lógica, una serie de sistemas lógicos surgidos al interior de la Inteligencia Artificial (véase Doets, 1994 o Kowalski, 2011), en particular la variante llamada Programación Lógica Abductiva. Entre estas características consideramos en particular el razonamiento de mundo cerrado (“closed world reasoning”), la semántica de completión (“completion semantics”) y el uso de coacciones de integridad (“integrity constraints”).

La primera característica se manifiesta mediante el hecho de que dado un enunciado cuya validez no es afirmada explícitamente, se concluye que su negación es cierta. Podemos ver esta “negación como falla” (“negation as failure”) en la segunda pregunta del Teorema de Pitágoras: la elección de “ninguna de las anteriores” indica que por no conocerse ninguna de las variantes del Teorema de Pitágoras dadas en las demás opciones, estas son asumidas (erróneamente en este caso) como falsas. Esto se puede ver, en efecto, en algunas de las justificaciones ofrecidas:

“Se deben formar cuadrados sobre b y c para que la suma de sus áreas sea igual al cuadrado en a .” Otro alumno expresa: “no aplica ninguna respuesta ya que habla [sic] de otras figuras geométricas”

La semántica de completión y las coacciones de integridad juegan, por otra parte, un papel en la formalización de los esquemas de inferencia MP, MT, AC y DA, ya sean estos válidos o no clásicamente. Por otra parte, representan una manera de formalizar lógicamente el razonamiento de tipo abductivo que se presenta en algunos de estos esquemas, o que podemos ver en uso en la interpretación del teorema de Lagrange descrita anteriormente.

Este tipo de herramientas técnicas dan una formalización de tipo algorítmico de los posibles procesos que llevan a las respuestas predominantemente observadas en los ejemplos descritos. Este tipo de descripción va más allá de los estándares tenidos tradicionalmente como únicos o canónicos en la descripción de los procesos en acción, (en este caso la Lógica Clásica). Esta última se nos muestra, aquí como en tantos otros contextos, como el resultado excepcional de un entrenamiento y una educación, y no como nuestra manera espontánea y “natural” de razonar en todos. El estudio de las situaciones que faciliten el paso de un tipo de lógica usada espontáneamente (en este caso la Programación Lógica) a otra que normativamente es requerida en un contexto matemático (la Lógica Clásica), se convierte así en algo necesario para superar un verdadero obstáculo epistemológico.

REFERENCIAS

BYRNE, R.M.J. Suppressing valid inferences with conditionals. **Cognition**, 31, 61–83. 1989

COSMIDES, L. The logic of social exchange: Has natural selection shaped how humans reason? Studies with the Wason selection task. **Cognition**, 31, 187–276. 1989.

DOETS K. **From Logic to Logic Programming**. Cambridge, MA, MIT Press. 1994.

DURAND-GUERRIER V. Which notion of implication is the right one? From logical considerations to a didactic perspective. **Educational Studies in Mathematics** 53, 5-34. 2003

DURAND-GUERRIER, V., BOERO, P., DOUEK, N., EPP, S. S., y TANGUAY, D. Examining the role of logic in teaching proof. En **Proof and proving in mathematics education** (pp. 369-389). Springer Netherlands. 2011.

HOYLES, C. y KÜCHEMANN D. Students' understanding of logical implication. **Educational Studies in Mathematics**, 51, 193-223. 2002.

KOWALSKI, R. **Computational Logic and Human Thinking: How to be Artificially Intelligent**. Cambridge University Press. 2011.

O'BRIEN, T.C., SHAPIRO, B.J. y REALI, N.C. Logical thinking – language and context, **Educational Studies in Mathematics**, 4, 201–219. 1971

STENNING, K., y VAN LAMBALGEN, M. **Human Reasoning and Cognitive Science**. Cambridge, MA: MIT Press. 2008.

WASON, P.C.. Reasoning about a rule. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, 20, 273–281. 1968,

SOBRE O ORGANIZADOR

FELIPE ANTONIO MACHADO FAGUNDES GONÇALVES Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná(UTFPR) em 2018. Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em 2015 e especialista em Metodologia para o Ensino de Matemática pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL) em 2018. Atua como professor no Ensino Básico e Superior. Trabalha com temáticas relacionadas ao Ensino desenvolvendo pesquisas nas áreas da Matemática, Estatística e Interdisciplinaridade.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-349-1



9 788572 473491